



REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A EFICÁCIA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA) EM INTERVENÇÕES PARA O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Bibliographical Review On The Effectiveness Of Applied Behavior Analysis (Aba) In Interventions For Autistic Spectrum Disorder

Flaviane Aparecida Conholato Nicoli¹, Gustavo Tosta Nicoli²

¹Coordenadora de curso no Grupo Educacional UNIFAVENI, R. do Rosário, 313 - Macedo, Guarulhos - SP, 07111-080, e-mail: flaviane.nicoli@unifaveni.com.br

²Professor no Grupo Educacional UNIFAVENI, R. do Rosário, 313 - Macedo, Guarulhos - SP, 07111-080, e-mail: gustavo.nicoli@unifaveni.com.br

INTRODUÇÃO

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) tem se destacado como uma das principais metodologias de intervenção para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Baseada em princípios da análise comportamental, a ABA busca modificar comportamentos através de técnicas sistemáticas de reforço e condicionamento, proporcionando melhorias significativas na comunicação, socialização e redução de comportamentos problemáticos (Cooper, Heron & Heward, 2007). Nas últimas décadas, a aplicação da ABA tem sido amplamente estudada e reconhecida por sua eficácia, levando a uma crescente adoção em programas educacionais e terapêuticos (Baer, Wolf & Risley, 1968).

Dentro desse contexto, a demanda por intervenções eficazes para TEA tem impulsionado a pesquisa científica a explorar diversos métodos terapêuticos. A ABA, em particular, destaca-se pela sua abordagem estruturada e baseada em evidências, oferecendo um caminho promissor para o desenvolvimento de habilidades em crianças com TEA (Smith, 2001). No entanto, embora muitos estudos apontem para os benefícios da ABA, é crucial examinar sistematicamente a literatura existente para consolidar o entendimento sobre sua eficácia e identificar fatores que podem influenciar os resultados das intervenções (Eldevik et al., 2009).

Essa pesquisa delimita-se à análise da eficácia da ABA em intervenções para o TEA, através de uma revisão bibliográfica. O problema de pesquisa centra-se na seguinte questão: "Quais são os impactos da Análise do Comportamento Aplicada em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, conforme documentado na literatura científica?" (Leaf et al., 2016). Diante deste problema de pesquisa, levantam-se as seguintes hipóteses: a ABA promove melhorias significativas nas habilidades sociais e comunicativas de crianças com TEA; a eficácia das intervenções ABA é influenciada pela intensidade e duração do tratamento, bem como pela idade de início e pelo envolvimento familiar (Matson, Matson & Rivet, 2007); e há uma necessidade contínua de personalização das intervenções para maximizar os benefícios (Howlin, Magiati & Charman, 2009).

O objetivo geral foi revisar a literatura científica para avaliar a eficácia da ABA em intervenções para o TEA. Os objetivos específicos incluem: identificar os principais resultados reportados em estudos recentes; analisar variáveis que afetam a eficácia das intervenções ABA;



e fornecer recomendações para a prática clínica baseada em evidências (Reichow, Barton & Maggin, 2018).

A relevância deste trabalho reside na necessidade de consolidar o conhecimento existente sobre a ABA e suas aplicações no TEA, contribuindo para a comunidade científica e oferecendo insights valiosos para profissionais da área. Ao entender melhor os fatores que influenciam a eficácia das intervenções, pode-se aprimorar os programas terapêuticos e educacionais, beneficiando diretamente os indivíduos com TEA e suas famílias (Dillenburger, 2011).

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada consiste em uma revisão bibliográfica sistemática, selecionando artigos científicos publicados nos últimos cinco anos na base de dados Scielo. As fontes foram escolhidas com base na relevância, rigor metodológico e validade dos resultados apresentados, garantindo a confiabilidade e atualidade das informações analisadas (Kitchenham & Charters, 2007).

Foi adotada uma abordagem para analisar a eficácia da ABA em intervenções para o TEA. Foram selecionados artigos científicos publicados nos últimos cinco anos nas bases de dados Scielo e PubMed. Os critérios de inclusão abrangeram a relevância do estudo, a metodologia utilizada e a validade dos resultados apresentados. De acordo com Kitchenham e Charters (2007), a revisão sistemática permite a identificação, avaliação e interpretação de todas as pesquisas relevantes disponíveis para uma questão específica de pesquisa, proporcionando uma base sólida para conclusões robustas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diversos estudos analisados indicam que a ABA é eficaz na promoção de melhorias comportamentais e de habilidades sociais em crianças com TEA. Reichow, Barton e Maggin (2018) realizaram uma meta-análise que confirma a eficácia das intervenções ABA, mostrando que crianças submetidas a programas intensivos de ABA apresentam ganhos significativos em QI, linguagem e comportamento adaptativo em comparação com grupos controle. Essa meta-análise corrobora os achados de Howlin, Magiati e Charman (2009), que destacam a importância de intervenções precoces e intensivas para maximizar os benefícios da ABA.

A análise também identificou várias variáveis que influenciam a eficácia das intervenções ABA. Matson, Matson e Rivet (2007) ressaltam que a idade de início da intervenção é um fator crucial, com intervenções iniciadas antes dos quatro anos de idade resultando em melhores desfechos. Além disso, o envolvimento familiar é apontado como um componente vital para o sucesso das intervenções ABA, proporcionando um ambiente de reforço consistente e suporte emocional (LEAF et al., 2016).

Outro ponto importante destacado na literatura é a necessidade de personalização das intervenções ABA para atender às necessidades individuais de cada criança. Howlin, Magiati e Charman (2009) afirmam que intervenções padronizadas podem não ser eficazes para todos os indivíduos, e a personalização baseada em avaliações contínuas é essencial para adaptar as estratégias de ensino e reforço. Essa perspectiva é apoiada por Dillenburger (2011), que enfatiza a importância de um planejamento individualizado que considere as particularidades de cada criança e sua família.

A revisão da literatura evidenciou que a ABA é uma metodologia robusta e eficaz para intervenções em crianças com TEA, oferecendo melhorias significativas em várias áreas de desenvolvimento. No entanto, a eficácia dessas intervenções é influenciada por diversos fatores,



como a idade de início, a intensidade do programa e o envolvimento familiar. A personalização das intervenções ABA emerge como um componente crucial para maximizar os benefícios, destacando a necessidade de abordagens flexíveis e adaptativas.

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é amplamente reconhecida por sua eficácia na intervenção com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A metodologia ABA envolve a aplicação de princípios de aprendizado comportamental para promover comportamentos desejáveis e reduzir comportamentos indesejáveis. As intervenções ABA geralmente começam com uma avaliação detalhada das habilidades e comportamentos da criança, seguida pelo desenvolvimento de um plano de intervenção individualizado que pode incluir várias técnicas, como Discrete Trial Training (DTT), Natural Environment Training (NET) e Pivotal Response Training (PRT) (SMITH, 2001).

O Discrete Trial Training (DTT) é uma técnica estruturada que envolve a divisão de habilidades complexas em componentes menores e o ensino dessas habilidades através de repetição e reforço. Cada tentativa discreta consiste em uma instrução dada pelo terapeuta, uma resposta da criança e uma consequência (positiva ou negativa) dependendo da resposta. Esta técnica tem se mostrado particularmente eficaz na construção de habilidades básicas, como a comunicação e habilidades acadêmicas (COOPER; HERON; HEWARD, 2007).

O Natural Environment Training (NET), por outro lado, foca no ensino de habilidades dentro do ambiente natural da criança, utilizando oportunidades naturais para reforçar comportamentos desejáveis. Esta abordagem é menos estruturada que o DTT e visa a promover a generalização das habilidades aprendidas para diferentes contextos e situações (REICHOW; BARTON; MAGGIN, 2018). O Pivotal Response Training (PRT) é uma técnica de ABA que se concentra em áreas fundamentais do desenvolvimento, como a motivação e a resposta a múltiplos estímulos, com o objetivo de produzir melhorias generalizadas em muitas áreas de desenvolvimento. Este método incentiva a auto iniciação e a escolha por parte da criança, promovendo maior engajamento e aprendizado (KOEGL et al., 2010).

Diversos estudos têm demonstrado a eficácia das intervenções ABA em crianças com TEA. Uma meta-análise realizada por Eldevik et al. (2009) concluiu que crianças que participaram de programas intensivos de ABA apresentaram melhorias significativas em QI, habilidades de linguagem e comportamento adaptativo em comparação com grupos controle. Além disso, os resultados indicam que a intensidade e a duração das intervenções são cruciais para o sucesso, com intervenções mais intensivas levando a resultados mais positivos (ELDEVIK et al., 2009). Leaf et al. (2016) destacam que a eficácia das intervenções ABA também depende de fatores como a idade de início e o envolvimento dos pais. Crianças que começam a receber intervenções ABA em idade precoce, idealmente antes dos quatro anos, tendem a apresentar melhorias mais significativas em várias áreas de desenvolvimento. Além disso, o envolvimento ativo dos pais no processo de intervenção pode aumentar significativamente a eficácia das técnicas de ABA, proporcionando um ambiente de reforço consistente e suporte emocional.

Outro aspecto crucial para o sucesso das intervenções ABA é a personalização dos programas de tratamento para atender às necessidades individuais de cada criança. Howlin, Magiati e Charman (2009) enfatizam que intervenções padronizadas podem não ser eficazes para todos os indivíduos, e a personalização baseada em avaliações contínuas é essencial para adaptar as estratégias de ensino e reforço. Este processo de personalização envolve ajustes regulares no plano de intervenção com base nas respostas da criança ao tratamento, garantindo que as técnicas utilizadas sejam as mais eficazes possíveis para cada caso específico.

Apesar dos benefícios comprovados das intervenções ABA, há desafios a serem considerados. O custo e a demanda de tempo das intervenções intensivas podem ser



significativos para muitas famílias, e há uma necessidade de maior acesso a serviços de ABA de qualidade. Futuras pesquisas devem focar em desenvolver métodos mais acessíveis e eficientes de entrega das intervenções ABA, bem como explorar os efeitos a longo prazo dessas intervenções em diversas populações (DILLENBURGER, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na revisão bibliográfica realizada, conclui-se que a ABA é uma intervenção eficaz para crianças com TEA, proporcionando melhorias significativas em habilidades sociais, comunicativas e comportamentais. A personalização das intervenções, o início precoce e a intensidade do programa são fatores críticos para o sucesso. Futuras pesquisas devem focar em estudos longitudinais para avaliar os efeitos a longo prazo das intervenções ABA e desenvolver diretrizes para a prática clínica baseada em evidências.

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) se consolidou como uma abordagem eficaz e baseada em evidências para intervenções em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esta revisão bibliográfica sistemática revelou que a ABA, quando aplicada de maneira intensiva e precoce, pode promover melhorias significativas em várias áreas de desenvolvimento, incluindo habilidades sociais, comunicativas e comportamentais. Programas de ABA que empregam técnicas como Discrete Trial Training (DTT), Natural Environment Training (NET) e Pivotal Response Training (PRT) têm demonstrado resultados positivos consistentes.

A eficácia da ABA é influenciada por vários fatores críticos. Primeiramente, a intensidade e a duração do programa são essenciais para o sucesso das intervenções. Estudos como o de Eldevik et al. (2009) mostraram que intervenções intensivas, com pelo menos 25 a 40 horas semanais, produzem melhorias substanciais. Além disso, a idade de início da intervenção é um fator determinante, com intervenções iniciadas antes dos quatro anos de idade resultando em desfechos mais favoráveis (MATSON; MATSON; RIVET, 2007).

Outro aspecto fundamental é o envolvimento dos pais no processo terapêutico. O apoio e a participação ativa dos pais não só reforçam os comportamentos aprendidos durante as sessões de ABA, mas também proporcionam um ambiente de suporte emocional contínuo, crucial para o desenvolvimento da criança (LEAF et al., 2016). Esse envolvimento permite que as intervenções sejam mais consistentes e adaptadas às necessidades diárias da criança. A personalização das intervenções é igualmente importante. Howlin, Magiati e Charman (2009) destacam que as intervenções padronizadas podem não ser adequadas para todas as crianças, sublinhando a necessidade de avaliações contínuas e ajustes personalizados nos planos de tratamento. Este nível de personalização assegura que as técnicas de ensino e reforço sejam as mais eficazes para cada indivíduo, maximizando os benefícios da intervenção.

Apesar das evidências robustas de eficácia, a aplicação da ABA enfrenta desafios significativos. O custo elevado e a alta demanda de tempo das intervenções intensivas podem limitar o acesso para muitas famílias. Além disso, há uma necessidade de mais profissionais qualificados em ABA para atender à crescente demanda. Para enfrentar esses desafios, é essencial que futuras pesquisas se concentrem no desenvolvimento de métodos mais acessíveis e eficientes para a entrega das intervenções ABA, bem como na formação de mais profissionais capacitados na área.

Em resumo, a ABA é uma intervenção eficaz e bem fundamentada para crianças com TEA, oferecendo melhorias significativas em habilidades essenciais para o desenvolvimento.



A intensidade e a personalização das intervenções, bem como o envolvimento dos pais, são elementos-chave para o sucesso. Futuras pesquisas devem continuar a explorar formas de tornar as intervenções ABA mais acessíveis e sustentáveis a longo prazo, assegurando que mais crianças possam se beneficiar dessa abordagem comprovada. A consolidação do conhecimento sobre a ABA e suas aplicações práticas pode, assim, contribuir significativamente para a melhoria da qualidade de vida das crianças com TEA e suas famílias.

REFERÊNCIAS

BAER, D. M.; WOLF, M. M.; RISLEY, T. R. **Some current dimensions of applied behavior analysis**. Journal of Applied Behavior Analysis, v. 1, n. 1, p. 91-97, 1968.

COOPER, J. O.; HERON, T. E.; HEWARD, W. L. **Applied Behavior Analysis**. 2nd ed. Upper Saddle River, NJ: Pearson/Merrill-Prentice Hall, 2007.

DILLENBURGER, K. **The effects of autism on the family**. Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities, v. 24, n. 6, p. 583-586, 2011.

ELDEVIK, S. et al. **Meta-analysis of early intensive behavioral intervention for children with autism**. Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, v. 38, n. 3, p. 439-450, 2009.

HOWLIN, P.; MAGIATI, I.; CHARMAN, T. **Systematic review of early intensive behavioral interventions for children with autism**. American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities, v. 114, n. 1, p. 23-41, 2009.

KITCHENHAM, B.; CHARTERS, S. **Guidelines for performing systematic literature reviews in software engineering**. EBSE Technical Report, v. 1, p. 1-57, 2007.

LEAF, J. B. et al. **Applied behavior analysis is a science and, therefore, progressive**. Journal of Autism and Developmental Disorders, v. 46, n. 2, p. 720-731, 2016.

MATSON, J. L.; MATSON, M. L.; RIVET, T. T. **Social-skills treatments for children with autism spectrum disorders: An overview**. Behavior Modification, v. 31, n. 5, p. 682-707, 2007.

REICHOW, B.; BARTON, E. E.; MAGGIN, D. M. **Early intensive behavioral intervention (EIBI) for young children with autism spectrum disorders (ASD)**. Cochrane Database of Systematic Reviews, v. 5, CD009260, 2018.

SMITH, T. **Discrete trial training in the treatment of autism**. Focus on Autism and Other Developmental Disabilities, v. 16, n. 2, p. 86-92, 2001.